

OS INIMIGOS E AS GUERRAS MEXICAS NAS CRÔNICAS DE DIEGO DURÁN E HERNANDO ALVARADO TEZOZÓMOC

The enemies and the Mexica wars in the writings of Diego Durán and Hernando Alvarado Tezozómoc

Pedro Ivo Prado da Costa*

Recebido em: 23/02/2025

Aprovado em: 26/12/2025

Resumo: No presente trabalho, propomos um cotejamento das narrativas da *Crónica mexicana* de Hernando Alvarado Tezozómoc e a *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme* de Diego Durán, com foco na representação das guerras e conquistas mexicas pós estabelecimento da tríplice-aliança. Utilizando a similaridade estrutural das duas histórias como fio condutor, desenvolvemos uma leitura da representação de cada um dos principais inimigos mexicas e das guerras e dos conflitos com eles entabulados nas crônicas. Através das diferenças e semelhanças contidas nos documentos, procurou-se esmiuçar as contradições entre as histórias da tradição mexica nas explicações e recursos narrativos usados para legitimar e engrandecer seu passado. Tezozómoc, um mestiço, enfoca a dimensão bélica e deixa claro que a conquista da região de Tlaxcala era um objetivo, ainda que frustrado. Enquanto o religioso Diego Durán, ao justificar as derrotas mexicas contidas na tradição mexica para seus rivais tlaxcaltecas, recorre a perspectivas que minimizam o poder do adversário enquanto parece valorizar a dimensão do cativo de guerra e a antropofagia como objetivo primordial da guerra. Nesse sentido, propomos uma problematização das perspectivas propostas por Durán sobre a não-conquista intencional e a dinâmica das guerras entre mexicas e tlaxcaltecas como explicações objetivas sobre aquelas realidades históricas.

Palavras-chave: Diego Durán; Alvarado Tezozómoc; Mesoamérica

Abstract: In this paper, we propose a comparison of the narratives of Hernando Alvarado Tezozómoc's *Crónica Mexicana* and Diego Durán's *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme*, focusing on the representation of the Mexican wars and conquests after the establishment of the Triple Alliance. Using the structural similarity of the two histories as a guiding thread, we developed a reading of the representation of each of the main Mexica enemies

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP. ivo.c@live.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2623-1486>.

and the wars and conflicts with them in the chronicles. Through the differences and similarities contained in the documents, we sought to scrutinize the contradictions between the stories of the Mexica tradition in the explanations and narrative resources used to legitimize and magnify their past. Tezozómoc, a mestizo, focuses on the warlike dimension and makes it clear that the conquest of the Tlaxcala region was an objective, albeit a frustrated one. While the religious Diego Durán, in justifying the Mexica defeats contained in the Mexica tradition to his Tlaxcaltec rivals, resorts to perspectives that minimize the power of the adversary while seeming to value the dimension of the war captive and anthropophagy as the primary objective of the war. In this sense, we propose a problematization of the perspectives proposed by Durán on intentional non-conquest and the dynamics of the wars between the Mexicas and the Tlaxcaltecs as objective explanations of those historical realities.

Keywords: Diego Durán; Alvarado Tezozómoc; Mesoamerica

Quando se trata da compreensão da história da tríplice-aliança encabeçada pelos mexicas, a *Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme*, escrita pelo frei dominicano Diego Durán, é sem dúvidas uma das principais fontes de informações à disposição de estudiosos modernos. O texto que interessa no âmbito deste trabalho é aquele concluído em 1581, no qual reúne informações sobre a história mexica, das antigas migrações chichimecas à chegada dos espanhóis em solo mesoamericano no primeiro. O documento sobreviveu aos séculos de colonização espanhola sem muito destaque, e foi ter sua primeira edição levada a cabo pelo estudioso José Romero Ramírez no ano de 1867, sob o estado nacional mexicano plenamente estabelecido. Já nesse momento, Ramírez nota a semelhança estrutural entre a história contada no documento atribuído a Durán com relação a outras fontes, como as obras de Tezozómoc e Acosta. Durán também é autor de outros manuscritos que versam sobre questões religiosas e acerca dos calendários e prognósticos (Romero Galván: 2003).

A *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme*¹ de Diego Durán é um dos documentos que Robert Barlow (1945) propôs serem

¹ As citações aqui transcritas mantiveram a grafia original contida nesta edição e as referências incluem os capítulos da obra, para facilitar a comparação com edições posteriores.

tributários de um texto prévio, provavelmente escrito em nahuatl e utilizado como base para a confecção desses textos. Como sintetizou a pesquisadora Clementina Battcock,

| 169

(...) para 1945 ya se habían identificado cinco fuentes con evidentes similitudes de estructura: el Manuscrito Tovar, el libro VII de la Historia natural y moral de las Indias de José de Acosta, el Códice Ramírez, el volumen correspondiente a la historia de la Historia de las Indias de Nueva España e Islas de Tierra Firme de fray Diego Durán y la *Crónica mexicana* de Hernando Alvarado Tezozomoc. Según el dictamen que entonces formuló Barlow, las tres primeras no serían sino variantes de una versión corta de la obra de Durán, con lo que el problema se reducía a dar con la fuente única a partir de la que se originaron las obras de Durán y Tezozomoc. A esta obra perdida Barlow la denominó Crónica X y en su concepto, debió ser escrita en lengua náhuatl por un indígena entre 1536 y 1539, e iba acompañada de dibujos (Barlow, 1990, pp. 20-27). (Battcock: 2018, p. 260)

Nesse sentido, a *Crónica mexicana* (2018), de Hernando Alvarado Tezozómoc, ao lado da obra de Durán, são os dois documentos de fôlego que estão na origem da controvérsia das obras supostamente baseadas nesse documento anterior, batizado por Barlow de crônica X. O texto de Tezozómoc circulou mais em relação ao de Durán, utiliza termos e conceitos em nahuatl frequentemente e é mais extensivo em algumas de suas descrições. Assim sendo, já nos primeiros anos de sua existência foi incorporado em coleções e estudos sobre o passado pré-hispânico do centro do México (Romero Galván: 2003).

Desde então, múltiplos autores se debruçaram em torno da existência desse documento e das diversas problemáticas envolvidas². De modo geral, a tese de Barlow persiste como uma explicação das similaridades que envolvem os textos de Durán e de Tezozómoc, o que permite estudos das mais variadas abordagens em torno dessas fontes. Há outros autores, por sua vez, que questionam a existência desse documento anterior, argumentando que a semelhança nas histórias pode ser explicada como resultado da construção da história mexica, fruto de disputas de poder pelos poderes dominantes. Ao invés

² Para discussões mais detalhadas em torno da crônica X, ver: Castañeda de la Paz (2005, 2018), Romero Galván (2003), Kenrick Kruell (2013), Peperstraete (2007).

de um documento anterior, essa perspectiva pensa mais em uma multiplicidade de narrativas que são parte de uma história “oficial” naquele contexto social, incentivada pelos grupos no poder, movimento que acaba por aproximar as distintas histórias (Battcock 2018: 7).

De todo modo, as histórias trazem uma perspectiva ancorada nos mexicas tenochcas, que são os personagens centrais da obra, ao lado das coadjuvantes Texcoco e Tlacopan, unidades que compõe em posição de relativa inferioridade junto aos mexicas tenochcas a tríplice-aliança (Carrasco 1996: 131).

No presente trabalho, propomos um cotejamento das narrativas da *Crónica mexicana* e a *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme* com foco na representação das guerras e conquistas mexicas pós estabelecimento da tríplice-aliança. Como propõe José Luis de Rojas (2007), investigar as diferenças e semelhanças entre os relatos de Durán e Tezozómoc é uma ferramenta potente, pois permite acessar o que cada um dos autores projetou na história, e de que maneira os anseios particulares de cada um deles afeta a construção de histórias derivadas provavelmente de um documento ou conjunto de documentos em comum.

Com isso em vista, desenvolvemos uma leitura da representação de cada um dos principais inimigos mexicas e das guerras e dos conflitos com eles entabulados na *Crónica mexicana* e na *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme*. Através das diferenças e semelhanças verificáveis na análise, especialmente em torno das motivações e lógicas evocadas para empreender os conflitos, encaminhou-se uma hipótese acerca das intencionalidades e subjetividades contidas na confecção das obras, especialmente nos contextos bélicos.

Inimigos

Os textos de Durán e Tezozómoc referenciam reiteradamente Metztitlán, Michoacán e a região de Tlaxcala, que inclui Huexotzinco, Cholula, Atlixco, Tliliuhquitepec, quando estão se referindo a rivais ou antagonistas. Principalmente quando se está comentando sobre festivais religiosos e rituais,

mas também quando se refere à dimensão política de soberania e sublevações frente à tríplice-aliança, exprime uma ideia de um bloco de *províncias* inimigas, que aparecem constantemente juntas no relato. Como se ocupassem uma mesma posição frente ao lugar do narrador e do sujeito primeiro das obras, os mexicas, essas três regiões estão presentes de modo intenso no imaginário da obra enquanto os inimigos notáveis.

Quando da ocasião de uma grande festa, com pomposos sacrifícios de cativos mixtecos (Durán 1867 I: 502, Cap. LXV), frutos de uma vitória militar da tríplice-aliança, Moctezuma Xocoyotzin teria convidado “principales de toda la provincia y provincias y juntamente todos los señores de las ciudades enemigas de México, es decir, *Mechuacan, Metztitlan, y Tlaxcala, Cholula y Uexotzinco*, con todas las demas, donde uvo gran gasto y abundancia, segundo la grandeza de *Monteçuma*” (Durán 1867 I: 503-504, Cap. LXV).

Percebe-se um agrupamento dessas diversas localidades em torno do conceito “enemigas de México”. Não uma unidade política ou cultural, mas dentro da perspectiva da narrativa o autor os engloba dentro da mesma posição nesse universo relacional. Desse modo, os inimigos são apresentados como tal pois frente às lógicas internas dos textos eles parecem ocupar um mesmo lugar imaginado, construído sob as fundações do “inimigo”: as sociedades antagônicas aos mexicas tenochcas.

Michoacán e Metztlán

Durante o reinado do *tlatoani* Axayacatl, Durán narra que teria se finalizado a produção da pedra do sol, honraria onde despendeu-se grande quantidade de recursos na sua edificação. Ao final da construção do monumento, evoca-se um elemento essencial para as celebrações de inauguração: a necessidade de pessoas para serem sacrificadas naquela ocasião. É nesse contexto que o célebre *cihuacoatl*³ Tlacaelel sugere uma expedição em direção à Michoacán.

³ *Cihuacoatl* [*cihua(tl)* mulher + *coatl* serpente] é o segundo na hierarquia de comando entre os mexicas. É um cargo feminino, associado com a lua, em contraste com o *tlatoani*, masculino e solar, dentro da visão

Movidos por essa imposição sagrada, os mexicas iniciam os preparativos, recorrendo às outras duas cabeças da tríplice-aliança e convocando os grupos sob sua zona de influência, como é o procedimento padrão para empreitadas bélicas dentro do texto de Durán. O que salta aos olhos nesse contexto, e que difere de modo considerável dos demais preparativos para expedições militares, é a justificação elencada como a razão para ir contra os tarascos da região de Michoacán.

(...) dado que sus antepasados les auian dexado dicho que eran sus parientes y de la parte mexicana; pero que con todo ese, que él quería probar el valor de los tarascos y experimentar sus fuerças, si igualauan con las de los mexicanos; y que la principal causa por qué se quería probar con ellos era para ver si podría con ellos hacer fiesta de la estrena de su piedra, que era semejança del sol, y ensangrentar su templo con la sangre de aquellas naciones” (Durán 1867 I: 287, Cap. XXXVII).

Analisando criteriosamente esse trecho, duas questões se colocam permeando essa formulação. Aqui, os mexicas aparecem como um grupo pretensamente hegemônico, que realiza expedições para se provar com outros grupos e constatar se os contrários mostram força o suficiente para se assemelhar com eles próprios nos campos de batalha. Parece nítido que esse tipo de preocupação só se manifesta em grupos que não se enxergam em perigo com a empresa da guerra, ao contrário, veem nela uma tarefa relativamente corriqueira, onde as bases da estrutura política não parecem estar sendo impactadas. Nesse sentido, a guerra não é vista como uma aposta de alto risco em potencial destrutivo, mas uma tarefa relativamente comum.

A posição mexica aparece de modo tão confortável dentro da narrativa, que o que se coloca é que mensurando se aqueles grupos eram valorosos e dignos o bastante para “ensangrentar su templo con la sangre de aquellas naciones”. Fora a posição de superioridade, Durán implicitamente coloca os mexicas como os guerreiros modelos em termos de bravura e destreza militar, ao ponto de se

dual da cosmologia mesoamericana. O *cihuacoatl* atuava como espécie de mão direita do *tlatoani*, auxiliando e complementando as ações de governo. Tlacaelel é o mais proeminente dos *cihuacoatl*, obtendo destaque dentro da obra de Durán como um personagem sábio, prudente e que liderava as ações bélicas. (cf. Bueno Bravo 2007: 1390)

realizar quase um teste para averiguar se esse outro grupo é digno de ser sacrificado em festas e cerimônias religiosas mexicas. Importante ressaltar que essa aferição de valor segundo atributos bélicos e bravura é um elemento frequente na narrativa. No limite, depreendemos a motivação da expedição, que seria adquirir cativos para serem sacrificados na ocasião da inauguração da pedra do sol, e a razão, ainda que conturbada, pela qual se escolheu Michoacán como alvo: uma vez que supostamente possuíam antepassados em comum, medir-se com os tarascos a fim de entender se eles seriam dignos de terem seu sangue derramado em cerimônias mexicas, para então capturá-los.

Tezozómoc, por outro lado, não apresenta uma motivação evidente para a empreitada, mencionando apenas uma vontade de Axayacatl, que após o término do assentamento da *piedra grande*, teria se voltado ao *cihuacoatl* Tlacaelel e dito: “señor, paréceme sería bueno que nos llegásemos a ver las tierras de Mechoacan y al señor de ellas que es Caczoltzin (ahora son llamados tarascos)” (Tezozómoc, 2018: 224, Cap. LI). O texto prossegue dentro da mesma estrutura verificada em Durán, mencionando o parentesco entre tarascos e mexicas, cuja separação teria ocorrido no contexto das migrações chichimecas. No entanto, Tezozómoc não indica uma correlação direta entre o término da construção e o parentesco entre os grupos como cerne das razões de se empreender uma expedição em direção à Michoacán.

Os dois relatos destacam uma inferioridade numérica mexica flagrante nesse conflito, que servem como ponto de partida para uma exaltação das capacidades mexicas, colocando em prática o lema *morir ó vencer*, defendendo que os mexicas não temeriam multidões e que, em mais uma prova de seu valor, atacariam mesmo em minoria. Há um nítido esforço em dar contornos de épico à história, onde bravos e honrados guerreiros atacam mesmo em ampla inferioridade numérica. No entanto, toda essa bravura acabou por ser em vão. Os tarascos não demonstraram “una punta de flaqueça, antes mucho valor y destreça” (Durán 1867 I: 290, Cap. XXXVII), e derrotaram decisivamente os

mexicas nos dois dias de combates. Rememorando alguma antiga história mexicana consultada, Durán diz que

“como moscas, dice la historia, que caen en el agua, así cayeron todos en manos de los tarascos, y fué tanta la mortandad que en ellos hicieron, que los mexicanos tuvieran por bien retirar la gente que quedava porque no fuese consumida y acauada, (...) mataran los tarascos muchos valerosos mexicanos y especialmente de los de la órden de caballería, que llaman *Cuachic* y de otros que llamauan *Otomí*,; con lo qual los tarascos, haciendo mucho escarnio y burla de los mexicanos se voluieron á su real, no queriendo lleuar adelante la vitoria que el tiempo les concedia” (1867 I: 291, Cap. XXXVII)

Tal resultado tão catastrófico contrasta com a postura inicial mexicana, marcada por certa soberba perante seus adversários verificada na argumentação de Durán. A morte de indivíduos com distinção social tão marcada e a constatação de que os tarascos poderiam ter levado adiante sua vitória, possivelmente um avanço em direção às zonas tributárias mexicas, indicam a gravidade da derrota.

Ambos os relatos reforçam a inferioridade numérica mexicana desse contexto. Contudo, Durán é mais contemplador em suas justificativas para a derrota, pensando-a no contexto de uma expedição quase que de “reconhecimento”, que não buscava punir ou conquistar, mas medir a força dos tarascos e capturar alguns guerreiros para sacrifício. Mesmo nessas condições de inferioridade, Durán registra que os mexicas atacaram mesmo em menor número, demonstrando o valor de seus códigos de honra guerreira. Já Tezozómoc e sua crônica dão mais destaque às figuras principais que desempenham um papel naquele contexto, nas lamentações de Axayacatl perante a derrota e o consolo que se apresenta diante do grande número de mortos da aliança no conflito: “es honra y gloria que alzan los que mueren con esta victoriosa alegría de sus almas, por el Tetzahuitl Huitzilopochtli” (Tezozómoc 2018: 231. Cap. LII).

A expedição à Michoacán representa a primeira grande derrota da tríplice-aliança dentro das histórias, e possivelmente a mais impactante até esse momento. O texto de Durán conclui esse episódio com as palavras do *tlatoani* Axayacatl e seus lamentos potentes acerca do significado histórico desta passagem; o soberano cai em lágrimas e se questiona porque aquela desgraça

ocorria durante o tempo dele e não quando seus antecessores reinavam, indicando que um fracasso militar dessa magnitude não haveria ocorrido na história mexicana (Durán 1867 I: 292, Cap. XXXVII).

| 175

Apesar do *altepetl* de Metztitlán aparecer com frequência dentro das narrativas — sempre na lógica do inimigo arquétipo, como vimos —, os documentos dedicam poucas páginas para descrever como teria ocorrido a única ofensiva mexicana contra essa localidade. Por trajetos distintos, os dois textos se referem aos acontecimentos de maneira bastante próxima à luta em Michoacán.

Com a coroação do novo *tlatoani* em Tenochtitlán, *Tizoc*, Durán indica que os senhores principais da aliança decidiram realizar festejos e rituais em honra do novo mandatário. À semelhança do caso aludido anteriormente, no contexto apresentado pelo frade, quando se fala de eventos dessa magnitude, são requeridos cativos para sacrifícios. Durán se limita a constatar que nesse contexto os cativos a serem sacrificados deveriam ser adquiridos por via da guerra, mas não oferece uma explicação do porquê se chegou à conclusão de rumar ao norte, em direção a localidade de Metztitlán. Após se decidir pela festa e a necessidade de obtenção de cativos,

“determinaron de ir á probarse con los de Metztitlan y á traer gente de aquella tierra para sacrificar, lo qual no se podia hacer sin guerra, porque de fuerça auían de ser presos en guerra y por vía de armas los que auían de ser sacrificados; y así con esta determinacion enviaron á los de Tezcuco y Tacuba y Chalco y Xuchimilco y á los de toda tierra caliente y á todas las demas prouincias de la *Cuauhtlalpan* y de la *Matlatzinca* que se aperciuesen para ir á la guerra que para honra de su rey ordenauan contra Metztitlan” (Durán 1867 I: 394, Cap. XLIX).

Não há uma demanda por cativos e sacrifícios colocados de maneira explícita na *Crónica mexicana*, pelo contrário, o que se verifica quando dessa expedição é uma ausência absoluta de motivação para a empreitada. O relato menciona somente que o *cihuacoatl* teria reunido os principais mexicanos e estabelecido uma espécie de debate em torno de onde deveria se dar a próxima conquista mexicana. Ao receber sugestões como uma segunda tentativa de se aventurar contra os tarascos ou ir contra *Cueztlaxtlan*, o próprio *cihuacoatl*

sugere ir contra a região de Metztitlán (Tezozómoc 2018: 250, Cap. LVII). Todos acatam a sugestão e o texto então se volta para os preparativos da empreitada.

Importante frisar que os textos mobilizam lógicas bastante distintas, uma vez que Durán focaliza a questão dos sacrifícios e cativos como o objetivo da empreitada, mencionando uma expedição para “probarse” com os rivais. Nesse sentido, Durán estabelece dois eixos principais da expedição: o objetivo, lutar e se provar contra Metztitlán em busca da obtenção de prisioneiros de guerra para fins sacrificiais, e o alvo, Metztitlán. Já o texto de Tezozómoc não menciona uma causa anterior para a expedição, assumindo a glória de se realizar uma conquista como razão suficiente para uma expedição. A crônica mexicana fala abertamente em se assenhorear da região pela via bélica como a base de sustentação da lógica retórica, enquanto a *Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme* prefere uma retórica mais difusa, que não estabelece a conquista ou um objetivo concreto, mas assentadas nos cativos para sacrifícios.

A ausência de uma motivação específica ou agressão prévia para o ataque naquela localidade é uma constante nos textos. A esmagadora maioria das conquistas e guerras empreendidas pela aliança nas crônicas ocorre desencadeada por (alegadas) provocações prévias, como analisou Carlos Brokmann (2014: 76). Aqui, como no relato sobre a expedição à Michoacán, os textos se contentam com um apontamento arbitrário da região a ser alvo da expedição.

Ao fim, a narrativa oscila sobre os resultados da contenda. De um lado são exaltados as quatro dezenas de guerreiros capturados como resultado do combate, os mexicas e aliados são recebidos com festa e os cativos são sacrificados.

“Llegado el mensajero a Tenuchtitlan explicó la embajada a Cihuacoati, y le contó cómo en la batalla que hubo con los de Meztitlan y cuextecas, murieron de toda calidad de gentes trescientos hombres, y de los esclavos fueron cuarenta los presos que se traían de todas parcialidades de gentes, en especial mancebos mexicanos. (Tezozómoc 2018: 253, Cap. LVII)

Por outro, se sublinha que os quarenta cativos eram pouco para aquele contexto, e frente aos trezentos mortos pelo lado da aliança resulta um número pouco significativo, além de expressar que os de Metztitlán teriam levado a melhor, ainda que os *mochachos* tenham feito com que recuassem.

| 177

Mesmo sendo derrotados, os jovens mexicas se mostraram “valerosos hombres y valientes soldados” (Durán 1867 I: 314, Cap. XL), capturando quarenta inimigos e impedindo a derrota completa. Se o resultado no rio *Quetzalatl* não foi o esperado, a narrativa do recebimento dos guerreiros, dos sacrifícios e da festa em honra ao novo imperador são narrados com grande pompa. A impressão manifesta é de um evento que, se não positivo, tendo em vista as mortes, também não é negativo, com os jovens mexicas mostrando grande valor e capturando guerreiros inimigos.

Tlaxcala

Ao contrário do que sucede nos dois primeiros casos, onde a narrativa dos conflitos se dá em um momento único da história, os conflitos entre mexicas e os vizinhos da outra margem da Sierra Nevada perpassam praticamente toda a narrativa. Os tlaxcaltecas e huexotzincas em especial, mas também os de Cholula, Tliluhquitepec e Atlixco são grupos quase protagonistas dos textos. Eles aparecem com frequência ao longo das obras, desde as explicações sobre a longínqua ocupação tlaxcalteca de seu território e os gigantes que lá habitavam até os conflitos imediatamente anteriores à chegada dos espanhóis em território nahua.

Andauan los de Tlaxcallan tan deseosos de competir y quebrar con los mexicanos y era tanto el odio que les tenian, que andauan procurándoles su inquietud y desasosiego para tener ocasion de manifestarse ser su enemigo y que no gustauan de su conuersacion ni amistad” (Durán 1867 I: 199, Cap. XXIV)

O trecho sintetiza o tom em que as relações entre mexicas e tlaxcaltecas são apresentadas no decorrer das crônicas, sempre enfatizando o antagonismo e a rivalidade. É nesses termos que Durán vai apresentar a rivalidade entre mexicas e os da região de Tlaxcala em torno de *Cuetlaxtla*, onde cada um vai se posicionar de um lado e disputar a hegemonia dentro daquela parcialidade. Não há um conflito direto entre os grupos

dentro da narrativa nesse episódio⁴, mas o texto marca que os tlaxcaltecas teriam incitado os de *Cuetlaxtla* a assassinar os mercadores mexicas na região e se alinhar politicamente com a avizinhada região de Tlaxcala, o que traria como consequência uma invasão militar mexica e a conquista da região pela tríplice-aliança. Durán, é claro, não deixa de comentar como os tlaxcaltecas foram incapazes de proteger seus aliados, se omitindo no conflito e selando o destino da região como tributária mexica (Durán 1867 I: 200-207, Cap. XXIV). A *Crónica mexicana* narra que após serem derrotados militarmente pelos mexicas e sofrerem com as agressivas represálias, os totonacas teriam dito que “queremos y pedimos, que nuestros antiguos señores que eran los principales de Tlaxcala, sean todos muertos, que nosotros os ayudaremos con todo nuestro poder y valimiento, pues por causa de ellos, y por su persuasión hemos sido muertos y destruidos en estas crueles guerras.” (Tezozómoc 2018: 147), reforçando o antagonismo que vai se desenvolver de modo central ao longo dos relatos.

Situação virtualmente idêntica é narrada acerca da região de *Coaixtlauac*⁵, na região mixteca, onde os tlaxcaltecas persuadem os locais a se opor à tríplice-aliança e não comparecem para defender a região dos ataques mexicas após terem prometido ajuda. Essas disputas apresentadas como indiretas pelos relatos aqui analisados são centrais na construção de Tlaxcala e seus aliados como o principal antagonista dos relatos, reforçando uma ideia de inimizade permanente e exacerbada já nos capítulos preliminares da história.

As guerras contra a região de Tlaxcala em Durán

Ambas situações, ocorridas ao longo do célebre período de Huey Moctezuma, indicam uma viva rivalidade entre os grupos, refletida em conflitos indiretos. A situação muda quando, como uma das últimas narrativas de Moctezuma Ilhuicamina, o *tlatoani* decide instituir uma guerra perpétua contra a região de Tlaxcala. Em uma construção peculiar, o *tlatoani*, a conselho do *cihuacóatl* Tlacaelel, propõe instaurar uma guerra contínua contra seus antagonistas, com o objetivo de capturar pessoas para sacrifícios em honra de *Huitzilopochtli* de modo contínuo. Durán coloca nas palavras de Tlacaelel

⁴ Em contraposição a outras fontes, como os Anales de Tlatelolco (2004: 93) e a obra de Juan de Torquemada Monarquia Indiana (1979: Vol. 1, Livro 2, 224), que mencionam embates diretos entre os grupos quando da expansão da tríplice-aliança em direção às localidades mencionadas.

⁵ Coixtlahuaca, importante centro da região mixteca.

uma analogia com um mercado, onde frequentemente se iria nessa localidade comprar cativos, como se compra bens de consumo, pagando suas compras com “sangre y vidas”.

O modo como essa instituição é colocada na narrativa exprime uma ideia de superioridade latente por parte dos mexicas frente a seus rivais, que consegue superar em muito a mencionada quando da expedição à Michoacán. Quando se pensa em instaurar um “mercado humano” dessa natureza em uma área independente já está se assumindo que a rivalidade refletida em uma balança de poder não faz sentido, ou melhor, que o rival não representa perigo concreto, e é possível tutelá-los de alguma maneira.

A justificativa dessa construção também chama atenção. Os tlaxcaltecas são exaltados como gente “aparentada”, que falava língua não bárbara, sendo assim dignos de serem sacrificados, pois sua carne seria saborosa para oferecer aos deuses, além da região ser bastante próxima ao núcleo da tríplice-aliança, fazendo com que a carne chegasse ainda quente para os rituais (Durán 1867 I: 239, Cap. XXIX). Mais à frente na narrativa, Durán vai fazer múltiplos elogios às capacidades bélicas dos guerreiros da região de Tlaxcala. Esse elemento parece estar tacitamente incorporado como parte das justificativas de porquê fazer a guerra a essa região, ainda que o autor não explicita nesse momento em que ele descreve e justifica a institucionalização da guerra perpétua⁶.

Nesse sentido, é importante constatar a pretensão de superioridade mexica assumida nessa construção. Ostentando que podem cercar um território autônomo para praticar guerras controladas de captura e treinamento bélico, já está assumida a infinita inferioridade tlaxcalteca em termos militares dentro dessa lógica. A mesma Tlaxcala que poucos capítulos antes foi capaz de convencer Coaixtlahuaca, na região mixteca, e Cuitlaxtla, em Cempoala, a se voltarem contra a aliança confiando no seu suporte militar é apresentada em condição de absoluta insignificância político-militar.

As guerras contra Tlaxcala em Tezozómoc

Tezozómoc faz uma construção bastante parecida, estruturalmente similar, com argumentos idênticos sendo encadeados virtualmente na mesma sequência lógica. A proximidade geográfica da região, limítrofe e não sujeita ao império, as possibilidades de recompensas que o conflito traria, especialmente riquezas materiais e grande número de

⁶ Guerra perpétua é o termo que Durán utiliza para descrever essa dinâmica. Para o autor, *xochiyaoyotl* diz respeito a maneira como os mexicas se relacionavam com a guerra e a morte, não uma modalidade distinta de guerra.

cativos, além da possibilidade de ascensão social em torno do reconhecimento do desempenho nas lutas contra a região de Tlaxcala são reiterados por ambos os autores de modo muito similar. Novamente, fica claro que os documentos possuem raízes compartilhadas. Há, porém, uma diferença relativamente sutil ainda que crucial na formulação contida na *Crónica mexicana* em relação ao da *Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme*.

Enquanto Durán estrutura uma lógica de não conquista intencional da região de Tlaxcala, batizada por ele de guerras perpétuas, o texto de Tezozómoc vai flagrantemente na direção oposta. O mesmo Tlacaelel teria dito:

“luego con esto llamaremos a los que están tras estos montes y montañas, los de Huexotzinco, Atlixco, Cholula, Tlaxcala, Tliluhquitepec, Tecoaca y los de Yupicotlaca, que son muy lejos, y los atraeremos a nuestra voluntad, aunque los acarreemos como con recuas de nuestros puros pies, y sobre todo, guerra cruel con ellos, para tener vasallaje de ellos y tener que sacrificar a nuestros dioses;” (Tezozómoc 2018: 163, Cap. XXXIX. Grifo do autor.)

No texto de Tezozómoc, há uma intenção reiteradamente explicitada de subjugar e conquistar militarmente tlaxcaltecas, huexotzincas e cholultecas desde pelo menos o início do período de Moctezuma. Desse momento até o final da narrativa, permanece constante um anseio de se materializar a conquista, que se traduz em múltiplas expedições e tentativas por parte da tríplice-aliança e seus aliados contra essa região, que em sua maioria fracassam.

Tlacaelel menciona a Moctezuma a intenção de ir contra seus contrários após a construção de um grande templo, almejando vassalar e ter a quem sacrificar aos deuses. Dentro dessa construção, a ideia expressa é a de que os cativos para sacrifícios seriam decorrentes da conquista e vassalagem da região. No texto de Tezozómoc a relação entre os grupos é pautada claramente na intenção da aliança de dominar politicamente seus tradicionais inimigos, e com isso adquirir cativos e riquezas. O horizonte evocado é sempre em torno de “conquistar, ganhar, adquirir y sujetar” (Tezozómoc 2018: 398, Cap. LXXXII), buscando, logicamente, os frutos dessa conquista, que dentro do relato aparecem em torno de dois aspectos principais: 1) os cativos, 2) e as riquezas, que podemos chamar de materiais, como plumas, pedras e bens valorizados. Não há, por certo, uma diferenciação clara entre essas duas categorias aqui referidas, que são percebidas como bens a serem acessadas com a conquista, como expressa Tlacaelel:

guerras para conseguir victoria y alcanzar esclavos para nuestra pretensión y adornamiento de nuestras personas, con brazaletes de oro y plumería, bezoleras de oro, orejeras de oro, piedras preciosas, trenzaderas de colores engastadas en piedras de mucho precio y valor, y será como tengo dicho, cebadera de nuestra presa con los tlaxcaltecas, Tliliuhquitepec, Zacatlan, Cholula, y de los de grandes pueblos cercanos, sin tomar la mexicana gente trabajo de ir tan lejos a guerras con daños suyos ni afrenta nuestra, corte e imperio mexicano, tan nombrado en el mundo: asimismo gozaremos de las bezoleras de piedras finas de los Itzocamecas de Izúcar, y orejeras tan finas. (Tezozómoc 2018: 163-164, Cap. XXXIX)

Mesmo seguindo a mesma estrutura dos argumentos, os textos diferem em um tópico que se revela fundamental para a compreensão do conflito. Como mencionado, a lógica das guerras perpétuas evocada por Durán pressupõe uma superioridade política/bélica decisiva em favor dos mexicas, ao passo que o texto de Tezozómoc traz uma perspectiva de forças mais equilibradas. As dimensões exaltadas pelo segundo são os potenciais ganhos com o conflito, que ocorre ante antagonistas aparentados e altamente valorados enquanto guerreiros⁷.

Um indício que pode contribuir para a compreensão dessa diferença entre os autores dentro de um texto tão similar é a imagem do “mercado”, que consta tanto na crônica de Tezozómoc quanto na de Durán. Essa ideia aparece no mesmo momento nas duas narrativas, mas se desdobram em interpretações absolutamente distintas, o que pode sugerir camadas de interpretação dos autores sobre o conceito. Dentro dessa hipótese, é essa camada de interpretação que vai produzir significados díspares sobre algo que estava no texto original, que inspirou ambos os autores. Contudo, os significados produzidos por essas distintas perspectivas projetadas nas duas obras acabaram por produzir conteúdo diametralmente distintos, possivelmente mutuamente excludentes.

⁷ É dentro dessa chave que se constrói a categoria de *xochiyaoyotl* ao longo da Crônica mexicana. Um dicionário de nahuatl formulado a partir da Crônica mexicana, escrito por Gabriel Kruell y Marc Thouvenot nos dá a seguinte definição para *xochiyaoyotl*: “enemistad y guerra civil / batalla civil y gloriosa, roseada, con flores, preciada plumería de muerte gloriosa, con alegría, en campo florido”. É esse caráter valorativo, que conceitua as guerras diante dos tradicionais inimigos a leste da Sierra Nevada como algo civil e glorioso, que define o conceito segundo Tezozómoc. Não se verifica, portanto, um modo de guerra distinto para o autor dentro do conceito, mas uma dinâmica que qualifica aquele determinado conflito segundo suas condicionantes.

Durán utiliza-se da ideia de um mercado para propor um sentido figurativo, onde o produto a ser consumido nesse mercado seriam os cativos a serem capturados naquela região. A lógica é o cerco intencional à região de Tlaxcala⁸, relegando-a a uma região de prática militar e núcleo de captura de prisioneiros (Durán 1867 I: 238). O argumento em torno das guerras perpétuas é desenvolvido sob as fundações dessa ideia de mercado humano na região de Tlaxcala.

A ideia de mercado no texto de Tezozómoc surge como uma ferramenta para se empreender a guerra e consequentemente a conquista desses grupos. Após propor uma “guerra cruel con ellos [Huexotzinco, Atlixco, Cholula, Tlaxcala, Tliliuhquitepec, Tecoaaca], para tener vasallaje de ellos”, Tlacaelel argumenta sobre os benefícios e recompensas de se empreender guerras contra aquela região, e, com essa finalidade, propõe que se coloque mercados em “Huexotzinco, Cholula, Atlixco, Itzucan”.

Con estos tales mercados vendrán los tlaxcaltecas a ellos, y allí se comprarán, y ellos se venderán por esclavos, y con este achaque tendremos muy cerca guerras para conseguir victoria y alcanzar esclavos para nuestra pretensión y adornamiento de nuestras personas, con brazaletes de oro y plumería, bezoleras de oro, orejeras de oro, piedras preciosas, trenzaderas de colores engastadas en piedras de mucho precio y valor (...) (Tezozómoc 2018: 163-164, Cap. XXXIX. Grifo do autor.).

O mercado, nesse contexto, se revela uma ferramenta para se ampliar a influência política e econômica, com o objetivo derradeiro de conquistar aquela localidade. É um meio para se obter o objetivo, as hostilidades e consequentemente a conquista e seus desdobramentos econômicos e políticos. Nesse sentido, cabe lembrar que a influência econômica é uma estratégia central de expansão da tríplice-aliança, como já foi demonstrado por diversos

⁸ Esse suposto cerca à região de Tlaxcala nesse contexto é apresentado por alguns autores, como Durán, Ixtlilxochitl e o próprio cronista tlaxcalteca Muñoz Camargo. Estudos arqueológicos recentes a partir do fluxo de obsidiana (mineral muito utilizado em contextos rituais e na confecção de armas, como as *macuahuitl*) naquele contexto não confirmam essa perspectiva. Gentil, Vicencio Castellanos, Hirth (2021).

investigadores⁹. Na esfera da análise do discurso das crônicas, as fundamentações evocadas para expedições de conquista, a dimensão comercial/econômica é predominante em ambos os relatos. Esse tipo de estratégia que alia dinâmicas políticas e econômicas foi central para a expansão da tríplice-aliança.

É possível, dentro desse quadro, que a partir de uma imagem em comum - o mercado na região de Tlaxcala -, os autores tenham desenvolvido diferentes perspectivas no processo de confecção da obra, segundo seus anseios, objetivos e também demais fontes e pessoas consultadas. Assim, cabe discorrer sobre como esses (e outros) conflitos se dão nos relatos, objetivando compreender amplamente as consequências retóricas das formulações dos autores dentro dos próprios textos, e assim se acercar de hipóteses que contribuam para elucidar a questão.

Desenrolar

No texto de Durán, temos oito encontros militares diretos entre os grupos, que resultaram em duas vitórias da região de Tlaxcala, cinco embates inconclusivos e uma vitória liderada pelos mexicas, além de um importante evento onde tlaxcaltecas e huexotzincas queimam o templo da deidade mexica Toci. Já nas penas de Tezozómoc, os seis conflitos resultam em três vitórias dos grupos da região de Tlaxcala e três contendidas com resultados inconclusivos.

Diferentemente do que transmitiu Durán em sua formulação sobre a guerra perpétua contra a região de Tlaxcala, os embates bélicos entre os grupos referidos por ambos cronistas mostram uma realidade bastante diferente no que tange ao poderio dos grupos. As duas vitórias da região de Tlaxcala narradas pelo religioso, obtidas por Huexotzinco e Tlaxcala são apresentadas como arrasadoras. Na primeira delas, Durán diz que três irmãos de Moctezuma Xocoyotzin

⁹ “The empire strategically promoted commerce in several ways, including the protection and promotion of provincial market towns and the imposition of taxes on nonlocal goods (to force provincial peoples to engage in trade). At the same time, the growth in commerce helped promote imperial expansion. For example, economic growth made provincial areas more attractive as potential tax-paying provinces.” Smith, Michael (2017, 57). Outros textos que discutem essa associação entre comércio e política expansionista no âmbito da tríplice-aliança são: Bueno Bravo (2012), Hassig (1995), Smith (2003).

pereceram na luta, incluindo o general de todo exército aliado, *Tlacahuepan*, gerando comoção em Tenochtitlán, com choro do *tlatoani* e uma recepção envolta em lágrimas, tristezas e muito desconsolo (Durán 1867 I: 453, Cap. LVII). Informações corroboradas por Tezozómoc (2018: 438-440, Cap. XCI.). Os textos fazem questão de frisar a grande quantidade de senhores e principais mortos nas guerras que empreendiam os mexicas, alcançando a tão desejada *xochimiquitzli*, morte honrada ou florida¹⁰, o que é corroborado pela sessão genealógica da crônica mexicáoytl (Tezozómoc: 1998), que menciona uma série de personagens relevantes perecendo nessas lutas, em especial nas planícies de Atlixco.

Com exceção do conflito contra os tlaxcaltecas em aliança com huexotzincas¹¹, é marcante como os conflitos contra a região de Tlaxcala são narrados como guerras quase invencíveis. Não que os autores tomem partido dos tlaxcaltecas e seus aliados, mas a tríplice-aliança simplesmente parece incapaz de vencer essa região, mesmo após múltiplos e sangrentos conflitos. Um após o outro, os conflitos entre os grupos vão construindo uma imagem dos guerreiros da região de Tlaxcala como valentes, destros e valorosos, de modo que é seguro pontuar que Durán e Tezozómoc os valorizam como os mais destacados nesse aspecto ao longo das obras.

Nezahualpilli, soberano de Texcoco e notório adivinho, dá contornos místicos à latente rivalidade entre os grupos. Tezozómoc coloca nas palavras do *tlatoani* acolhua:

(...) huélgate saber que esta noticia de haberse rebelado los de Huexotzinco, es venida del cielo, que yo veo que hay dos pueblos repartidos llamados el uno y otro Huexotzinco, y es agüero esto que ya jamás acertaremos a hacer guerra contra Huexotzinco, Cholula, Tlaxcala y Tlühquihuitepec, aunque nos conformemos con los de Mechoacan, que ya de hoy en adelante, entendido, hijo mío mancebo en flor de juventud, que

¹⁰ “(...) tener por bien aaventurados á los que en la guerra morian; y así llamauan á la guerra xuchiyaoyotl, que quiere decir *guerra florida*, y por la consiguiente llamauan á la muerte del que moria en guerra xuchimiquitzli, que quiere decir *muerte rosada, dichosa y bien aventurada*.” (cf. Durán 1867 I, 434, Cap. LV).

¹¹ A narrativa de Tezozómoc é distinta nesse episódio. Para o autor, não há uma vitória militar clara dos mexicas e huexotzincas contra os Tlaxcaltecas. O que ocorre é que após Tlahuicole, importante líder tlaxcalteca, ser capturado pelos mexicas, os tlaxcaltecas teriam renunciado ao conflito (Tezozómoc 2018: 439).

diez, que veinte años que sean, que una vez que vamos contra los costeanos, ha de ser muy en contra de nosotros; (Tezozómoc 2018: 480, Cap. XCIX. Grifo do autor.)

| 185

Durán escreve que ele teria dito, entre outras coisas, “jamás que quisieres hacer guerra á los vexotzincas, tlaxcaltecas ó cholultecas alcançarás victoria, antes los tuyos serán siempre vencidos con pérdida de tus gentes y señores” (Durán 1867 I: 479-480, Cap. LXI). Ao receber o prognóstico de Nezahualpilli, pouco antes da chegada de Cortés e de sua morte - que, no mesmo momento também prevê a chegada dos espanhóis e a derrocada mexicana-, Moctezuma decide testá-lo investindo contra Tlaxcala: o resultado é desastroso, os mexicanos são vencidos e a maior parte deles é morta ou presa pelas armas inimigas.

Após punir os principais e retirar as honrarias dos guerreiros envolvidos, o *tlatoani* organiza uma revanche contra seus algozes.

(..) se uvieron con los tlaxcaltecas tan valerosamente que, aunque ni de una parte ni de otra uvo conocida ventaja, à fin de la batalla se halló auer perdido los tlaxcaltecas otra tanta gente como los mexicanos, y auer quedado yguales en valor, de lo qual fué Monçuma avisado y reciuó mucho contento dello y lo mostró en el semblante; (...)Con esta nueva uvo mucho regocijo en la ciudad y en los templos, mucho son de atambores y bocinas y caracoles, con todos los demas ynstrumentos que ellos usaban en semejantes regocijos. (Durán 1867 I: 482-483, Cap. LXI).

Durán prossegue, “Fueron receuidos los mexicanos en la ciudad de México con todas las cerimonias que solian quando venian victoriosos, con cantos y bayles y enciencios, con muchas oraciones y pláicas largas y elegantes, dándoles el parabien de su valor.” (Durán 1867 I: 483, Cap. LXI). Um empate é celebrado com as obséquias que se realizavam quando os guerreiros retornavam vencedores. Há uma comemoração por se ter conseguido igualar os tlaxcaltecas em combate, de modo que implicitamente se reconhece o valor bélico do adversário e a impossibilidade de derrotá-lo. A ideia inscrita nessa passagem contrasta diametralmente com a formulação apresentada por Durán acerca da guerra perpétua e a consequente superioridade mexicana lá implícita. Dentro da própria lógica interna à narrativa, é pouco coerente celebrar um empate do ponto

de vista militar frente a um adversário tão pretensamente inferior como denotado algumas páginas antes.

Motivações

| 186

As motivações evocadas em cada um dos conflitos diretos entre os grupos podem contribuir com o refinamento da compreensão em torno da lógica mobilizada pelos autores no que tange às guerras e conflitos mexicas, especialmente se analisadas através de uma perspectiva ampla. Entre os oito conflitos listados na obra de Durán, quatro podem ser associados aos mencionados nas expedições à Metztitlán e a Michoacán no que concerne às causas dos embates, além de possuírem alguma aderência dentro das formulações sobre a guerra perpétua.

Nos quatro eventos onde se verificou um *casus belli* para além da formulação das guerras perpétuas (busca por cativos + treinamento bélico + testar-se com os rivais) a narrativa indica algum tipo de vitória das forças mexicas. Não necessariamente uma vitória completa, que só ocorre em um dos casos, mas o autor transparece que os objetivos que motivaram aquela expedição foram cumpridos de algum modo. Há uma clara sensação de dever cumprido entre os mexicas expresso na pena de Durán nesses casos, mesmo lamentando as perdas de seus guerreiros nessas ocasiões.

Não é o caso dos quatro casos anteriores, onde os mexicas e seus aliados não conseguem alcançar seus objetivos propostos, mas esbarram nas forças rivais, promovendo lamentações e choros em diversos momentos das narrativas. Nesse sentido, verifica-se uma forte correlação entre as motivações apresentadas nas guerras contra a região de Tlaxcala: nas vitórias (claras ou morais), os objetivos das expedições são propostos em termos concretos, objetivamente apresentados e cumpridos dentro das lógicas de ação inscritas naquele contexto narrado pelo autor. Seja em termos de garantia de proteção a um aliado ou reagir à queima de um importante templo. Já nas derrotas, as motivações não fogem do padrão generalizante proposto nas guerras forçadas; 1) cativos, 2) treinamento e 3) provação, sempre imbuídos pelos imperativos cosmológicos.

A *Crônica mexicana* segue caminhos distintos. Não se verifica uma associação clara entre as motivações evocadas e os resultados dos conflitos. Mesmo que as fundamentações para os conflitos contra a região de Tlaxcala se mostrem bastante similares aos apresentados pelo texto de Durán, a narrativa parece não seguir a lógica contida no texto do dominicano. O *quadro 1* demonstra como a percepção dos resultados de um conflito nem sempre estão colocados da mesma maneira.

Somando-se à distinção supracitada acerca das formulações dos objetivos do conflito contra Tlaxcala como um todo, se nota que não há um padrão nas motivações acionadas por Tezozómoc em sua crônica nos episódios dos embates narrados. Dos três conflitos listados como inconclusivos, apenas o primeiro obedeceria ao padrão verificado no texto de Durán se tomarmos a busca por cativos como um elemento absoluto. Contudo, a busca por prisioneiros nesse sentido aparece como consequência da expedição de *conquista* que estava formulando naquele contexto¹², não como um objetivo absoluto. A quinta e sexta apresentam motivações distintas, antagônicas se tomarmos a análise do padrão verificado em Durán; na primeira delas uma agressão concreta é respondida e a outra Tezozómoc não deixa explícito as motivações para a empreitada especificamente, o contexto da constante guerra com os vizinhos parece suficiente dentro da narrativa.

Acerca das vitórias tlaxcaltecas, a segunda não apresenta motivações específicas para além das formulações sobre a guerra em um plano mais amplo. A terceira cita inclusive uma resposta bastante concreta às incursões de Atlixco e Huexotzinco em território mexicana, que desembocam em um conflito e uma vitória tlaxcalteca, o que também contraria o padrão verificado na história de Durán. Por fim, o quarto conflito seria o único a se encaixar nessa lógica, com o conflito sendo

¹² Axayacatl, *tlatoani* de Tenochtitlan, reunido com Nezahualcoytl de Texcoco e Tezcacoatl de Tlacopan os instiga a participar da empreitada: “sois enviados a llamar, señores, porque ya os consta cómo es nuestro patrimonio y cosecha la conquista de Tliluhquitepec, y para acabar de todo punto esta casa y templo de Tetzahuítl Huitzilopochtli conviene ir a esta conquista, dejando aparte las riquezas que nos promete la empresa” (Tezozómoc 2018: 236, Cap. LVI).

iniciado a partir de um desafio de Atlixco e Cholula para um conflito. Essa formulação é apresentada de modo similar à da história de Durán, apenas com o acréscimo de Atlixco como um dos antagonistas.

| 188

De uma forma geral, não se verificou o padrão de correlação entre a motivação evocada no texto de Tezozómoc. Apesar das motivações evocadas estarem de algum modo próximas, as lógicas mobilizadas na obra por vezes resultam em construções bastante diferentes como demonstrado. Além disso, os resultados também são apresentados de modo variado. Mesmo que por vezes utilizando os mesmos números ou mencionando os mesmos eventos, provavelmente frutos da fonte em comum de ambos, a percepção dos resultados não é a mesma.

Guerras e palavras

Quando se cruza as motivações empregadas para as conquistas gerais nos dois relatos com seus resultados, se verifica parcialmente a mesma tendência dos embates contra a região de Tlaxcala na crônica escrita por Durán. Nos casos onde os mexicas e seus aliados saíram vencedores, as motivações são concretas e coincidem nos dois relatos. Já nas derrotas, apenas o texto de Durán apresenta motivações difusas, enquanto Tezozómoc não oferece uma narrativa clara em torno do fundamento para as expedições¹³.

A relação que se percebe ao levantar as situações de conquistas e conflitos no texto de Durán e Tezozómoc (quadro 2), é que o primeiro grupo, de motivações específicas, os mexicas e a tríplice aliança saem triunfantes em virtualmente

¹³ Convém conceituar as motivações para a guerra em dois grupos; o primeiro, arbitrariamente chamado de **motivações concretas**, contempla os casos em que se nota uma agressão prévia a ser reparada. Aqui, se incluem os numerosos casos de assassinatos e repressão à comerciantes e embaixadores mexicas, a recusa de trocas comerciais, fornecimento de algum bem requisitado ou mesmo a assistência a grupos inimigos dos mexicas. O segundo conjunto de motivações segue o padrão apresentado anteriormente quando da apresentação das bases da pretensa **guerra perpétua** mexica contra a região de Tlaxcala apresentada nos capítulos XXVIII e XXIX da história de Durán. Objetivamente, são a captura de guerreiros para sacrifícios pela via da força, exercício militar dos guerreiros da aliança e uma noção de testar-se com determinado adversário, medindo suas capacidades e virtudes bélicas e morais. Esse segundo grupo está fortemente ligado com imperativos religiosos na maioria dos casos, como na inauguração de templos, construções e cerimônias rituais, mas também na eleição de um novo *tlatoani* e outras eventualidades menos mencionadas.

todos os casos. Com exceção dos conflitos contra Metztitlán, Michoacán e as guerras contra Tlaxcala, as quase duas dezenas de conflitos levantados na obra desde a ascensão Moctezuma, em todas as ocasiões onde o que está em jogo decorre de uma agressão prévia ou se coloca um objetivo concreto para a realização das empreitadas, os mexicas vencem, ou se percebe um sentimento vitorioso, com os objetivos e lógicas que fomentaram a contenda pelo lado da aliança sendo satisfeitos. É apenas nas três localidades que os mexicas não subjugarão que os arranjos que explicam a inimizade e os conflitos respondem a lógicas distintas.

É altamente provável que as motivações evocadas pelos autores nessas conquistas bem sucedidas estejam colocadas nos documentos em comum acessados pelos autores. Na medida em que as histórias são absolutamente similares, com virtualmente as mesmas agressões sendo respondidas em ambos os relatos, que resultam em assenhoreamentos na esmagadora maioria dos casos (17 de 20 em Durán e 16 de 19 em Tezozómoc). O que chamamos de motivações concretas, portanto, coincidem nos relatos e provavelmente se encontram nas raízes da produção dos relatos.

Ao se recorrer ao segundo caso, dentro do padrão da *guerra perpétua*, o resultado é distinto. Essas justificativas estão praticamente ausentes do texto de Tezozómoc, ao passo que encontram espaço destacado no relato de Durán. As três regiões que derrotam a aliança e se mantêm independentes no relato do religioso seguem esse mesmo arquétipo, indicando um pilar estruturante na construção da narrativa, verificada na evocação deste padrão de motivações entre as fundamentações para os embates bélicos. Especialmente nos casos em que o conflito se dá com a região de Tlaxcala, a derrota por vezes é descrita em termos de resultados inconclusivos – como visto anteriormente –, mas que infringem baixas pesadas entre os mexicas e por vezes morte de figuras importantes dentro da estrutura social mexica, além de lamentações por parte dos dirigentes mexicas descritos por Durán, o que dá nos indica para pontuar a percepção de derrota desses eventos, reforçando a dinâmica explicitada (Costa 2025: 122-162).

Enquanto Durán as apresenta enquanto razões absolutas para se ir ao conflito, inclusive negando textualmente a intenção de se incorporar Tlaxcala politicamente para manter o fluxo de cativos e treinamento bélico (Durán 1876 I: 238, Cap. XXVIII), esses elementos surgem em Tezozómoc como consequência de operações que visam a

conquista e o submetimento político das comunidades, como mencionado na ocasião do conflito em Tliliuhquitepec. Como vimos na apresentação dos conflitos contra Metztlán e a região tarasca, fica evidente que enquanto Tezozómoc aparentemente não traz motivações específicas para aquelas empreitadas, possivelmente refletindo a ausência percebida em suas fontes de informação, Durán constrói um arcabouço retórico de guerras em torno dessas motivações, possivelmente por valorizar em demasia a questão dos sacrifícios humanos e da antropofagia como tendencialmente o fizeram autores de origem europeia (Isaac 2005: 7-10).

Há a constatação da coincidência quase total entre os textos nas guerras bem sucedidas, corroborando o entendimento, há muito analisado pela historiografia, de que é provável que se deva à utilização da mesma fonte ou conjunto de fontes. As construções de Durán em torno das *guerras perpétuas* evocadas nos conflitos de insucesso dentro da narrativa, que aludem a motivações mais difusas e relacionadas à cativos, e provação bélica, se mostram comprometidas diante das ausências no relato de Tezozómoc nas ocasiões de expedições bélicas. Mais do que a ausência, o relato de Tezozómoc trabalha em sua totalidade com as guerras na perspectiva de conquista e assenhoreamento político¹⁴. Nessa linha, o relato de Tezozómoc é mais coerente em sua construção lógica interna, na medida em que há um encadeamento de ideias que não se contradizem, direta ou indiretamente, e se sustentam ao longo de todo o relato. Tomando em consideração que alguns autores defendem que o próprio Tezozómoc seria o autor dessa obra anterior, ou parte dela (Galván 2003: 195; Kenrick Kruell 2013; Peperstraete, Kenrick Kruell 2014), a plausibilidade da hipótese apresentada ganha ainda mais tração. Durán, ao propor uma guerra perpétua unilateral à região de Tlaxcala, pensa uma perspectiva de correlações de forças que não se sustenta dentro do próprio relato, dados os sucessivos e contundentes fracassos militares mexicas frente aos tlaxcaltecas.

¹⁴ Uma hipótese que pode contribuir para elucidar a ausência em Tezozómoc, provavelmente provenientes das histórias nas quais ele se baseou (Battcock 2018), é que pode ter se utilizado dessa estratégia como meio de limitar ou diminuir o peso das derrotas mexicas dentro das histórias, vinculadas à hegemonia de um grupo específico (Navarrete Linares 1998: 61). Não versar sobre um objetivo ou alvo concreto que atestaria ou não o sucesso da contenda, mas calcar-se em lógicas mais subjetivas. Derrotas e vitórias são marcadas pelos objetivos políticos (na acepção mais ampla do termo) que modulam a guerra. Alocando os resultados à esfera mais subjetiva, a história logra trazer para si o controle da narrativa e tornar nebulosa a fronteira entre a vitória e a derrota, sem necessariamente modificar um evento histórico que, sem dúvidas, estaria nas histórias e memórias de outros grupos, o que complicaria uma eventual alteração bruta no curso dos acontecimentos.

Além dessa perspectiva, a correlação extraída do relato de Durán, onde os mexicas só são derrotados em conflitos onde não estão em jogo objetivos concretos e vencem sempre que se apresenta uma agressão prévia, se mostra problemática. Lida de forma integrada, nos mostra muito mais as subjetividades da versão mexicana das tradições históricas do que as concretas motivações daqueles conflitos, provenientes de artifícios retóricos confeccionados pelo autor para consolidar seu ponto do universo colonial.

Nesse sentido, deve-se questionar explicações sobre a realidade mesoamericana que tomem narrativas como as de Durán sobre a não conquista intencional de Tlaxcala pela tríplice-aliança pelo valor de face. É necessário compreender as disputas de narrativas envolvidas naquele contexto, que envolvem versões para a história mesoamericana. Durán, ecoando a tradição mexicana, joga com os eventos passados de modo a legitimar suas narrativas e histórias, do mesmo modo que relatos texcocanos, como os de Fernando de Alva Ixtlilxochitl (Alva Ixtlilxóchitl 2014) e tlaxcaltecas, como os de Muñoz Camargo (Muñoz Camargo 2007), também buscam alterar subjetividades, intenções e perspectivas para construir uma versão melhor de suas coletividades. Essa versão mexicana já enviesada da história, se soma com uma perspectiva cristã contra rituais envolvendo sacrifício humano (Isaac 2005: 7-10) e gera o eixo explicativo das narrativas contidas na *Historia* de Diego Durán sobre a não conquista intencional de Tlaxcala e o “mercado” humano de cativo.

É provável, portanto, que as formulações trazidas por Durán referentes ao padrão das guerras perpétuas não estavam nos documentos em comum consultados também por Tezozómoc. A percepção de que o texto de Tezozómoc está mais próximo à linguagem cultural mexicana e nahua (Carrasco 1996: 130), aliada à lógica mais coesa contida no texto de Tezozómoc nesse aspecto pode nos levar a pensar em uma interpretação equivocada de Durán em torno da noção de “mercado”, que o levou a entrar em contradição lógica em alguns momentos.

Assim, buscou-se demonstrar como a correlação entre as motivações evocadas para os conflitos e seus resultados e contradições contidas na *Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme* de Diego Durán, aliado a contraposição do texto à *Crónica mexicana*, de Hernando Tezozómoc, tido como tributário de uma mesma obra ou discurso anterior, resulta em uma perspectiva problemática. As razões primordiais evocadas por Durán para guerras em torno da captura de pessoas e prática/provação bélica, reunidos aqui dentro do conjunto guerras perpétuas, não estão colocadas no texto

de Tezozómoc, ao passo que motivações concretas coincidem quase integralmente. Além disso, a correlação vitórias bélicas/motivações concretas e derrotas bélicas/motivações guerras perpétuas presente na obra de Durán contribuem para diminuir a confiabilidade dessas explicações no texto do dominicano como lastro para estudos acerca da história dos mexicas e grupos contemporâneos.

Quadro 1 - Embates entre tríplice-aliança e a região de Tlaxcala

Quadro 1 - Embates entre tríplice-aliança e a região de Tlaxcala					
	Adversário mexica	Motivação mexica e resultado do conflito na <i>Historia de las Indias...</i>		Motivação mexica e resultado do conflito na <i>Crónica mexicana</i>	
1	Tliliuhquitepec	Captura de homens para sacrificio (cap. XXXVIII)	Inconclusivo	Captura de cativos e conquista (cap. LIV)	Inconclusivo
2	Huexotzinco	Prática e treinamento bélico (cap. LVII)	Vitória tlaxcalteca	“probar ventura” contra “nuestros vecinos cercanos y enemigos mortales” (cap. XCI)	Vitória tlaxcalteca
3	Huexotzinco e Atlixco	Resposta às incursões de Huexotzinco e Atlixco em zonas tributárias mexicas (cap. LX)	Inconclusivo (tlaxcaltecas batem em retirada)	Resposta às incursões e queima de plantações por Huexotzinco e Atlixco em zonas tributárias mexicas (cap. XCIV))	Vitória tlaxcalteca
4	Cholula	Desejo cholteca de se provar com os mexicas (cap. LXI)	Inconclusivo	Desafio de Atlixco e Cholula (cap. XCV/XCVI)	Vitória tlaxcalteca
5	Tlaxcala	Defender os de Huexotzinco contra os tlaxcaltecas (cap. XL)	Vitória mexica	Defender os de Huexotzinco contra os tlaxcaltecas (cap. XCVII/XCVIII)	Inconclusivo (objetivo mexica atingido)

6	Tlaxcala	Colocar a profecia à prova (cap. LXI)	Derrota mexicana	Sem motivação (cap. XCIX)	Inconclusivo
7	Tlaxcala	Vingança pelo embate anterior (cap. LXI)	Inconclusivo (Saudada como vitória pelos mexicanos)	X	X
8	Huexotzinco e Tlaxcala	Vingança mexicana pela queima do templo de Toci (LXII)	Inconclusivo	X	X

Quadro 2 - Conflitos mexicanos a partir do *tlatoani* Moctezuma Ilhuicamina¹⁵

	Tlatoani	Localidade	Razão do conflito na <i>Historia de las Indias...</i>	Razão do conflito na <i>Crônica mexicana</i>	Resultado
1	HUEY MOCTEZUMA	CHALCO	Recusa de Chalco de fornecer “pedras grandes” para construção de templo (cap. XVI - XVIII)	Recusa de Chalco de fornecer “pedras grandes” para construção de templo (p. 82)	Vitória
2		TEPEACA	Assassinato de mercadores mexicanos (cap. XVIII)	Assassinato de mercadores mexicanos (p. 100)	Vitória
3		GUASTECAS	Assassinato de mercadores mexicanos (cap. XX)	Assassinato de mercadores mexicanos (p. 106)	Vitória
4		CEMPOALA	Assassinato de mercadores mexicanos [persuadidos por tlaxcaltecas] (cap. XXI)	Assassinato de mercadores mexicanos (p. 125)	Vitória
5		COAIXTLAUAC	Assassinato de mercadores mexicanos (cap. XXII)	Assassinato de mercadores mexicanos (p. 132)	Vitória
6	AXAYACATL	CUETLAXTLA	Revolta contra o domínio mexicano incitado por tlaxcaltecas (cap. XXIV)	Revolta contra o domínio mexicano incitado por tlaxcaltecas (p. 145)	Vitória
8		TLATELOLCO	Abuso de filhas de senhores de Tlatelolco por tenochcas. (cap. XXXIII-XXXIV)	Abuso de moças de Tlatelolco por tenochcas. (p. 178)	Vitória
9		MATLATZINCAS	Auxiliar os de Tenantzinco em uma disputa local (cap. XXXV)	Auxiliar os de Tenantzinco em uma disputa local (p. 203)	Vitória
10		TARASCOS	Provar o valor dos tarascos (cap. XXXVII)	Decisão de Axayacatl (p. 203)	Não conquista

¹⁵ Os topônimos citados mantêm a grafia da edição utilizada.



11	TIZOZICATLAN	METZTITLÁN	Capturar cativos para a coroação do novo tlatoani (cap. XL)	Sugestão do <i>cihuacoatl</i> (p. 249)	Não conquista
12	MOCTEZUMA XOCOYOTZIN	XILOTEPEC	Euforia pela coroação do novo soberano (cap. XLII)	Recusa em pagar tributo (p. 278)	Vitória
13		GUASTECA	Impediu a entrada de mercadores e não enviou bens para cerimônia (cap. XLII)		Vitória
14		TEOLOAPAN	Rebelou-se contra o domínio mexicana (cap. XLIV)	Rebelou-se contra o domínio mexicana p. 339)	Vitória
15		TEQUANTEPEC	Assassinato de mercadores mexicas (cap. XLVI)	Assassinato de mercadores mexicas (p. 355)	Vitória
16		XOCONOCHO	Ataque a Tequantepec e a mercadores mexicas (cap. L)	Ataque a Tequantepec e a mercadores mexicas (p. 370)	Vitória
		NOPALLAN e ICPATEPEC	Rebelou-se contra o domínio mexicana (cap. LIII)	Rebelou-se contra o domínio mexicana (p. 403)	Vitória
17		CUATZONTLAN e XALTOPEC	Rebelou-se contra o domínio mexicana (cap. LV)	—	Vitória
18		TOTOTEPEC e QUETZALTEPEC	Recusa em enviar “arena y esmeril para labrar pedras” aos mexicas (cap. LVI)	Recusa em enviar “pedras ricas de esmeraldas” e outros bens (p. 426)	Vitória
19		YANCUITLAN	Ataque aos embaixadores do <i>tlatoani</i> (cap. LVII)	Há apenas a menção da destruição da localidade (p. 448)	Vitória
20		TEUCTEPEC	Homens para sacrificar e sujeitar e subjugar a região (cap. LVIII)	Rebelou-se contra o domínio mexicana (p. 457)	Vitória
21		TLAXCALA	Múltiplas motivações evocadas	Anseios imperialistas	Não conquista

Quadro 3 - Correlação entre as motivações evocadas e os resultados percebidos dos conflitos mexicas contra a região de Tlaxcala no texto de Diego Durán

	Vitórias percebidas	Derrotas percebidas
Motivações concretas	4	0
Motivações guerras perpétuas	0	4

Quadro 4 - Correlação entre o resultado dos conflitos mexicas e as motivações evocadas no texto de Diego Durán a partir do *tlatoani* Moctezuma Ilhuicamina



	Vitórias percebidas	Derrotas percebidas
Motivações concretas	17	0
Motivações guerras perpétuas	1	3

Referências

Alva Ixtlilxóchitl, Fernando de, *Historia de la nación chichimeca*, Barcelona: Red Ediciones S.L., 2014.

Alvarado Tezozómoc, Hernando. 2018. *Crónica mexicana*: escrita hacia el año de 1598. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

Alvarado Tezozómoc, Hernando. 1998. *Crónica Mexicáyotl*. 3ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas.

Barlow, Robert. 1945. "La Crónica X: versiones coloniales de la historia mexicana tenochca." *Revista mexicana de estudios antropológicos* tomo VII, México: p. 65-87.

Battcock, Clementina. 2018. "La Crónica X: sus interpretaciones y propuestas." *Orbis Tertius* vol. 23, no.27, La Plata: Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de La Plata, UNLP, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas CONICET.

Battcock, Clementina. 2016. "Las guerras y las conquistas en la *Crónica mexicana*." *Estudios de Cultura Náhuatl* 52: 169-192.

Berdan, Frances. 2003. "SMITH, An international Economy." In *The Postclassic Mesoamerican World*, edited by Michael E. Smith and Frances Berdan, Salt Lake City: The University of Utah Press.

Bueno Bravo, Isabel. 2007. *La guerra en el imperio azteca: Expansión, ideología y arte*. Madrid: Editorial Complutense, colección Mirada de la Historia.

Bueno Bravo, Isabel. 2012. "Objetivos económicos y estrategia militar en el Imperio Azteca." *Estudios De Cultura Náhuatl* 44 (julho):135-63.

Brokmann, Carlos. 2014. "La guerra en Mesoamérica entre discurso y práctica." In *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México.

Castañeda de la Paz, María. 2018. "Codex Azcatitlan and the work of Torquemada: A historiographic puzzle in the Aztec-Mexica sources." *Latin American Indian Literatures Journal* vol. 24, No. 2: 151-194.



Castañeda de la Paz, María. 2005. "El Códice X o Los Anales Del Grupo De La Tira De La Peregrinación. Evolución Pictográfica y Problemas En Su Análisis Interpretativo." *Journal De La Société Des Américanistes* 91, n° 1.

Carrasco, Pedro. 1996. Estructura político-territorial del imperio tenochca. La Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzco y Tlacopan. México: Fondo de Cultura Económica.

Cervera Obregón, Miguel. 2014. "La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica." In *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México.

COSTA, Pedro Ivo Prado da. 2025. *Los enemigos de casa: a disputa por hegemonia entre a Tríplice-Aliança encabeçada pelos mexica e a confederação tlaxcalteca (c.1400-1519)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo. Dissertação de Mestrado em História Social.]

Davies, Nigel. 1968. Los señoríos independientes del Imperio Azteca. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia.

Durán, Diego, et al. 1867. Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme. Tomo I. México: Impr. de J.M. Andrade y F. Escalante.

Fargher, Lane, et al. 2011. "Tlaxcallan: The archaeology of an ancient republic in the New World." *Latin American Antiquity* 85(327): 172-186.

García Cook, Ángel. 2017. Tlaxcala a la llegada de los españoles según las evidencias arqueológicas. México: INAH.

Gentil, Bianca, et al. 2021. "Aztec and Tlaxcalan Economic Interaction: Blockade or Interregional Exchange?" *Latin American Antiquity* 32(4): 723-740.

Gibson, Charles. 1952. Tlaxcala in the Sixteenth Century. New Haven: Yale University Press.

Hassig, Ross. 1995. Aztec Warfare: Imperial Expansion and Political Control. 2ª ed. Norman: University of Oklahoma Press.

Isaac, Barry. 2005. "Aztec Cannibalism. Nahua versus Spanish and Mestizo accounts in the Valley of Mexico." *Ancient Mesoamerica* No. 16: 1-10.

Isaac, Barry. 1983. "The Aztec 'Flowery War': A Geopolitical Explanation." *Journal of Anthropological Research* 39(4): 415-432.

Kenrick Kruell, Gabriel. 2013. "La Crónica mexicáyotl: Versiones Coloniales De Una tradición histórica Mexica Tenochca." *Estudios De Cultura Náhuatl* 45 (enero):197-232.



Kenrick Kruell, Gabriel, and Peperstraete S. 2014. "Determining The Authorship of the Crónica Mexicayotl: Two Hypotheses." *The Americas* October 2014, Vol. 71, No. 2: 315-338.

López Corral, Alfonso, et al. 2019. "Iconografía y gobierno colectivo durante el posclásico tardío en Tepeticpac y Tlaxcallan, México." *Latin American Antiquity* 30(2): 333-353.

Luis de Rojas, José. 2007. "Una historia: dos versiones. Durán, Tezozomoc y el pasado mexica." **Itinerarios: revista de estudios lingüísticos, literários*.

Martínez, José Eduardo Contreras. 1995. "En torno al concepto de guerra florida entre tlaxcalteca y mexicas." *Dimensión Antropológica* año 2, vol. 3: 23.

Muñoz Camargo, Diego. *Historia de Tlaxcala*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

Megged, Amos. 2021. "La institución del teccalli en el altepetl prehispánico y colonial de Tlaxcallan/Tlaxcala: una revaloración." *Estudios De Cultura Náhuatl* 61: 121–159.

Navarrete Linares, Federico. 1998. "Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana." In *La abolición del arte. XXI Coloquio Internacional de Historia del Arte*, edited by Alberto Dallal, México: UNAM-Instituto de Investigaciones Estéticas, p. 53–71.

Smith, Michael. 2017. "Cities in the Aztec Empire: Commerce, Imperialism and Urbanization." In *Rethinking the Aztec Economy*, edited by Deborah L. Nichols, Frances F. Berdan, and Michael E. Smith, University of Arizona Press.

Romero Galván, José Rubén, and Camelo, Rosa. 2003. *Fray Diego Durán. Historiografía mexicana. Volumen I. Historiografía novohispana de tradición indígena (formato PDF)*, coordinación general de Juan A. Ortega y Medina y Rosa Camelo, México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas.